

**Revista de Literatura,
História e Memória**

Literatura e Cultura
na América Latina

ISSN 1809-5313

VOL. 5 - Nº 5 - 2009

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 329-339

A BOCA É UM VERBO: AFORISMOS E SENSIBILIDADE TRÁGICA NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS

SCHNEIDER, Claércio Ivan - UNESP

*Não são os homens que me levam à melancolia persa,
mas os remédios que os curam...*
(19 de novembro de 1893)

RESUMO: Busca-se analisar a sensibilidade trágica como um dos componentes principais na “escrita do eu” promovida pelo cronista Machado de Assis. O ceticismo, o niilismo, a descrença, o desencanto, o pessimismo, apenas para citar alguns dos componentes do olhar trágico do autor, possibilitam investigá-lo a partir do diálogo entre a literatura e a história da sensibilidade. A confecção de máximas ou de aforismos na escrita da crônica pressupõe não apenas uma postura cética para com a realidade que o escritor assistia e registrava, mas revela a suspeita de todos os dogmas – patrióticos, ideológicos, religiosos, científicos ou filosóficos – que fez deste cronista um crítico feroz de seu tempo, absorvendo ceticismos modernos e contemporâneos, mostrando uma desconfiança aguda na ciência e no homem do Brasil do final do séc. XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Crônica; Aforismo; Tragédia.

ABSTRACT: In search of analyse the tragic sensitivity as one of the principal components in the “written of I” promoted by the chronicler Machado de Assis. The scepticism, the nihilism, the incredulity, the disenchantment, the pessimism, just to cite some of the components of the author’s tragic look, makes possible to investigate him from the dialog between the literature and the sensitivity history. The confection of principles or aphorisms in the writing of the chronicle estimates not only a sceptic position with the reality that the writer attended and registered, but discloses the suspicion of all the dogmas – patriotic, ideological, religious, scientific or philosophical – that made this chronicler a fierce critic of his time, absorbing modern and contemporaries scepticisms, showing an acute diffidence in the science and in the Brazilian men of the end of the 19th century.

KEY-WORDS: Machado de Assis; Chronicle; Aphorism; Tragedy.

No centenário da morte de Machado de Assis uma gama inumerável de estudos aflora no cenário historiográfico, ora comemorando, ora revisitando de forma crítica o projeto literário deixado pelo escritor fluminense. Neste artigo em particular, busca-se decompor aspectos da sensibilidade trágica como um dos componentes principais na “escrita do eu” promovida pelo autor de *Memórias póstumas*... Acredita-se que o ceticismo, o niilismo, a descrença, a melancolia, o desencanto, o pessimismo – apenas para citar alguns dos componentes narrativos já consolidados pela crítica a respeito da subjetividade trágica do autor – possibilitam investigá-lo a partir do diálogo entre a literatura e a história da sensibilidade. Por história da sensibilidade se entende as reações do corpo e da mente do autor diante de seu contexto, de seu mundo referencial, na forma de emoções, de sensações e de sentidos. Esta experiência do sensível, da subjetividade única, é fator constituinte de uma experiência individual e coletiva que se constrói no contato com a realidade. O pensamento do autor é que interpreta, organiza e classifica as manifestações do sensível, transformando as sensações em sentimentos que relevam um mundo de significados. Assim, este texto tem como questão central compreender o sentimento trágico em Machado de Assis como fator constituinte de expressão de sua subjetividade e de sua sensibilidade.

A presença de uma filosofia trágica em Machado de Assis já foi tematizada por diferentes críticos literários que se debruçaram sobre o projeto criador machadiano. Barreto Filho, Miguel Reale, Afrânio Coutinho, Raymundo Faoro são exemplos significativos deste movimento. Ora relacionam este sentimento como resultado de sua condição de mulato epilético; ora às suas influências de leitura dos clássicos da literatura e da filosofia universal; ora a sua experiência profissional enquanto funcionário público; e, por fim, a sua aguçada sensibilidade crítica em perceber e questionar as contradições insolúveis da condição humana. Seja qual for o fator preponderante na formação do espírito trágico em Machado, não faltam referências – diretas e indiretas – para dialogar com esta constatação.

Por tragédia entende-se uma visão aberta da existência, alcançando marcas universais da experiência e do conhecimento humano. O sentimento trágico expressa a contradição entre o desejo do ser humano e o universo que ele vive e é derrotado. Por isso, na perspectiva existencial impressa por Machado, a tragédia sugere um desacordo entre o homem e o mundo previsto, na forma de um registro doloroso, muitas vezes angustiante e pessimista a respeito do lugar do homem no universo e do diálogo deste com as tensões que ai derivam. A categoria tragédia, portanto, é aqui entendida como uma categoria metafísica, capaz de descrever, de nomear, de identificar e de criticar – por meio de aforismos, por exemplo – um

determinado estado da condição humana, respeitando, é claro, a sua temporalidade e o seu contexto de interpretação.

Não cabe a este texto historicizar a noção de tragédia ou do gênero crônica. Importa buscar no espaço da narrativa da crônica os elementos, os juízos, as constatações, as críticas e as interrogações que configuram os preceitos morais construídos pelo cronista na interpretação de seu contexto de vivência e de atuação. Machado de Assis exerceu a atividade de cronista por mais de quarenta anos, publicando mais de 600 crônicas em diferentes jornais. Interessa para este texto as crônicas publicadas no jornal *Gazeta de Notícias* entre os anos de 1888 a 1897. Atenta-se a um tipo específico de sensibilidade no final do século XIX, no qual o ceticismo e o pessimismo machadiano para com os homens e suas conquistas materiais caracterizam um sentimento de contradição, de desencanto, de melancolia e de descrença para com as promessas e expectativas que o progresso, a liberdade e a cidadania inauguravam no contexto de debates na transição do Brasil monárquico para o republicano.

Da análise dos fatos noticiados pelo jornal na semana aos comentários descompromissados de episódios menores, muitas vezes banais, Machado de Assis estabelece um diálogo crítico com o leitor, sempre buscando revelar as limitações e as contradições dos discursos que enquadram os indivíduos em diferentes ordens de sentidos. O autor centra-se no estudo e na crítica das palavras que intermedeiam as relações entre os homens e seus interesses. Como destaca em crônica de 12 de março de 1893:

Mérimée confessou um dia que da história só dava apreço às anedotas. Eu nem às anedotas. Contento-me com palavras. Palavra brotada no calor do debate, ou composta por estudo, filha da necessidade, oriunda do amor ao requinte, obra do acaso, qualquer que seja a sua certidão de batismo, eis o que me interessa na história dos homens.

Num contexto que começa a ser pensado, medido, calculado e julgado pelos ideais de progresso, de ciência e de modernidade, os discursos – principalmente os de caráter oficial – gradativamente assumem patamares pedagógicos que buscam promover a aliança dos homens com a civilidade européia. Machado percebe que o uso das palavras não é uma prática ingênua, muito pelo contrário. A idéia de verdade, de otimismo, de valorização das conquistas que o homem consegue fazer pelo uso das máquinas encobre uma série de contradições, de exclusões e de sobreposições entre os indivíduos que lutam para conquistar dinheiro, prestígio e posições sociais. A ciência suprime o homem numa nova lógica de trabalho e

de conduta moral, aprisionando-o. Por isso, sentencia Machado: “[...] a contradição é deste mundo. Para longe os raciocínios perfeitos e os homens imutáveis. Cada erro de lógica pode ser um tento que a imaginação ganhe, e a imaginação é o sal da vida” (29 de outubro de 1893).

A imaginação é tudo. E se “a boca é um verbo” (29 de outubro de 1893), os homens utilizam-na para se autopromoverem. Nas crônicas maduras publicadas por Machado de Assis na *Gazeta de Notícias* tem-se um retrato primoroso de comentários, críticas, sentenças, ditados e aforismos que revelam muito da subjetividade do autor. O aforismo em Machado surge como ponto de contato entre o seu lado filosófico e literário. Constitui-se num estilo de discurso estreitamente ligado à percepção do mundo, revelando os códigos de prescrições sociais para a interpretação da realidade. Talvez uma das principais características dos aforismos machadianos identificados em suas crônicas seja o fato de instaurarem o paradoxo na percepção dos fatos, dos discursos, do pensamento e da vida em sociedade. Instaurando o paradoxo e revelando a contradição, Machado cria um contra-senso, causando uma instabilidade na compreensão que os sujeitos fazem das notícias. Exemplo disso pode ser percebido na definição que Machado estabelece entre o ser conservador ou ser liberal no final da monarquia: “E diria então que ser conservador era ser essencialmente liberal, e que no uso da liberdade, no seu desenvolvimento, nas suas mais amplas reformas, estava a melhor conservação” (22 de agosto de 1889).

Machado percebe e enuncia com clareza o conteúdo contraditório dos partidos que buscam o consenso para se projetarem. As idéias não correspondem à realidade, o que já foi desenvolvido por Roberto Schwarz em *Ao vencedor as batatas!* Políticos do final do império usam da ideologia ou do discurso liberal para manterem as coisas exatamente como estão. Ou seja, as reformas serviriam apenas para acomodá-los num sistema republicano que consolidaria as mesmas relações de poder antes questionadas. Sentença Machado de Assis: “Quem pode impedir que o povo queira ser mal governado? É um direito anterior e superior a todas as leis. Assim se perde a liberdade” (06 de janeiro de 1895).

Machado é cruel. Percebe que não são apenas os políticos ou os burocratas do Estado que com discursos fantasiosos ou falsos buscam um consenso ou uma ascendência sobre a população. A política do favor, o compadrio, a prática do afilhamento etc., se constituem em atitudes que encontram reciprocidade nos indivíduos que são alvos dela. Num ambiente caracterizado por disputas em todos os níveis sociais, Machado aponta para o uso do poder oficial como forma de imposição de verdade:

A psicologia do código é curiosa. Para ele, os homens só crêem aquilo que ele mesmo crê; fora dele, não havendo verdade, não há quem creia outras verdades – como se a verdade fosse uma só e tivesse trocos miúdos para a circulação moral dos homens (10 de março de 1895).

A intensidade da sentença é indiscutível. O que está em cheque é o critério da verdade. Neste ponto, Machado de Assis transforma a idéia de verdade objetiva ampliando-a a partir do diálogo com o leitor. Ironizando a psicologia do código que regulamenta o que é lícito e o que é ilícito, o cronista procura mostrar que não existem princípios absolutos, mas sim pontos de opiniões que tornam cada situação relativa. Assim, se a verdade não é definitiva, Machado estabelece as mediações, atentando a outras possibilidades de significação, de interpretação. Isso fica ainda mais evidente noutra passagem sentenciosa em que o cronista medeia a discussão entre um açougueiro e seu freguês a respeito do peso do quilo de carne.

Creia-me, isto de filosofia não se faz só com a pena no papel, mas também com o facão na alcatra. Saiba que o mundo é uma balança, em que se pesam alternadamente aqueles dous quilos, entre brados de alegria e de indignação. Para mim, tenho que o quilo mal pesado foi inventado por Deus, e o bem pesado pelo Diabo; mas os meus fregueses pensam o contrário, e daí um povo de cismáticos, uma raça perversa e corrupta... (05 de fevereiro de 1893).

O cronista usa do humor e da ironia como forma de evidenciar o paradoxo das situações. Tudo depende da posição e da interpretação que se faz segundo interesses particulares. O humor que caracteriza muitos dos aforismos construídos pelo cronista se constitui numa forma de dissecar a realidade tal como ela é e não como os interessados gostariam que fosse. A razão das coisas encontra muitos sentidos, daí seu caráter mais controverso. Sentencia o cronista:

A razão não está só na sedução do obscuro e do complexo, está ainda em que o obscuro e o complexo abrem a porta à controvérsia. Ora, a controvérsia, se não nasceu conosco, foi pelo fato inteiramente fortuito, de haver nascido antes, se se não tem apressado em vir a este mundo, era nossa irmã gêmea; se temos de a deixar neste mundo, é porque ainda cá ficarão homens (16 de dezembro de 1894).

A controvérsia é parte constituinte das mediações entre os homens. A percepção de que é a partir dela que se pode perceber ou desmascarar as aparências que encobrem a realidade, faz de Machado um crítico que percebe no jogo social

os vícios, as mentiras, os interesses que colocam a verdade em segundo plano. Afirma Machado de Assis:

Eu, posto creia no bem, não sou dos que negam o mal, nem me deixo levar por aparências que podem ser falazes. As aparências enganam; foi a primeira banalidade que aprendi a vida, e nunca me dei mal com ela. Daquela disposição nasceu em mim esse tal ou qual espírito de contradição que alguns me acham, certa repugnância em execrar sem exame vícios que todos execram, como em adorar sem análise virtudes que todos adoram. Interrogo a uns e a outros, dispo-os, palpo-os, e se me engano, não é por falta de diligência em buscar a verdade. O erro é deste mundo (14 de junho de 1896).

A escrita da crônica machadiana pressupõe não apenas uma postura cética para com a realidade que o escritor assistia e registrava, mas revela a suspeita de todos os dogmas – patrióticos, ideológicos, religiosos, científicos ou filosóficos – que fez deste cronista um crítico feroz de seu tempo, absorvendo ceticismos modernos e contemporâneos, mostrando uma desconfiança aguda na ciência e no homem. Portanto, a singularidade da sensibilidade trágica de Machado de Assis transforma-se em chave de leitura de um momento histórico (1888-1897) no qual o otimismo nacionalista era defendido pelo coro dos contentes. No entanto, este otimismo encobre novas formas de exclusão e de exploração. Assim:

Estribilhos são muletas que a gente forte deve dispensar. Quando voltar o costume da antropofagia, não há mais que trocar o “amai-vos uns aos outros”, do Evangelho, por esta doutrina: “Comei-vos uns aos outros”. Bem pensado são os dous estribilhos da civilização (01 de setembro de 1895).

O cronista parece rir das contradições que orientam a vida em sociedade. Amar e comer uns aos outros identifica as relações nada harmoniosas que os novos tempos inauguram no Brasil. Estes “estribilhos” da civilização indicam a ideologia católica e a prática capitalista coadunando-se no enganoso enquadramento dos indivíduos na moral do liberalismo à brasileira. O favor, o apadrinhamento, a impunidade, as exclusões etc., parecem indicar uma situação quase que irreversível, ou, para dizer de outra forma, constituinte da realidade brasileira caracterizada por séculos de escravidão, de violências e de explorações. Sentencia o cronista: “A impunidade é o colchão dos tempos; dormem-se aí sonos deleitosos” (17 de maio de 1896). Ou: “Se as dores humanas se esquecem, como se não hão de esquecer as leis?” (26 de julho de 1896).

Aforismos precisos. Dissecam a realidade tal como ela é: enganosa, limitada e induzida ao favorecimento de alguns em detrimento da maioria. Neste universo contraditório da condição humana a sorte parece ser uma loteria em que os indivíduos buscam recompensas imediatas aos seus infortúnios, uma vez que a loteria, como sentença Machado, não é crime:

Homens e leis têm a vida limitada – eles por necessidades físicas, elas por necessidades morais e políticas; mas a loteria é eterna. A loteria é a própria Fortuna e a Fortuna é a deusa que não conhece incrédulos nem renegados. A cidade fala de umas cousas que esquece, crimes públicos, crimes particulares; mas loteria não é crime particular nem público (15 de novembro de 1986).

As máximas machadianas identificadas em suas crônicas tomam um caráter crítico e vibrante. Machado não parece preocupado em divertir ou chocar seus leitores, mas propõe uma orientação no sentido de perceber fatos, situações, discursos e práticas que colocam em cheque muitas das certezas e das verdades que a sociedade em geral não consegue questionar e que, portanto, tornam-se naturais, senso-comum. As confissões de Machado revelam um cronista melancólico, preocupado com as causas e os descaminhos que a humanidade ingenuamente insiste em perseguir:

Tudo se pode esperar da indústria humana, a braços com o eterno aborrecimento. A monotonia da saúde pode inspirar a busca de uma ou outra macacoa leve. O homem receitará tonturas ao homem. Haverá fábricas de resfriados. Vender-se-ão calos artificiais, quase tão dolorosos como os verdadeiros. Alguns dirão mais (19 de novembro de 1893).

O tom profético desta máxima parece ter se realizado ao longo do século XX. O tédio, a melancolia, o aborrecimento, em qualquer situação, provoca nos homens uma eterna insatisfação. Machado, que parecia exagerado no aforismo, adivinha um futuro não muito distante de seu tempo onde cientistas inventam doenças e remédios na tentativa de moldar a saúde física e moral da população. Mas a melancolia e a ingenuidade perpetuam-se: “A melancolia corrige a ingenuidade, dando-lhe a intuição do mal mundano; a ingenuidade tempera a melancolia, tirando-lhe o que possa haver nela triste ou pesado” (25 de agosto de 1895).

Um misto de sabedoria e questionamento. Os aforismos machadianos na crônica demonstram um mundo que quase todos conhecem, mas de uma maneira que ninguém pensou. Às vezes chocantes, às vezes cruéis, mas sempre surpreendentes porque lidam com a condição humana na sua matriz trágica. Questionar os

valores, a tradição, os princípios, as atitudes e o pensamento, sublime ou banal, oficial ou marginal, se torna uma prática que coloca Machado de Assis como um benfeitor do gênero humano, uma vez que suas máximas podem ser ponderadas e ensinadas em qualquer contexto.

A história é isto. Todos somos os fios do tecido que a mão do tecelão vai compondo, para servir aos olhos vindouros, com os seus vários aspectos morais e políticos. Assim como os há sólidos e brilhantes, assim também os há frouxos e desmaiados, não contando com a multidão deles que se perde nas cores de que é feito o fundo do quadro (07 de julho 1895).

O sentimento do tempo é outro elemento constituinte na narrativa machadiana. A relativização do tempo que o cronista promove indica uma posição cética e muitas vezes pessimista para com as incertezas do futuro. A angústia do tempo e da morte é tema recorrente nas crônicas, o que demonstra a contradição da aspiração pela vida esvaída na certeza da morte que nem a razão consegue explicar. O exame da consciência parece indicar não apenas a necessidade da crítica das idéias, mas sim, a necessidade do pensamento, da filosofia. Sentencia Machado: "Realmente, os anos nada valem por si mesmos. A questão é saber agüentá-los, escová-los bem, todos os dias, para tirar a poeira da estrada, trazê-los lavados com água de higiene e sabão de filosofia" (30 de outubro de 1892).

As influências filosóficas foram determinantes na afirmação da sensibilidade trágica do escritor. É a partir das leituras de Pascal, Montaigne e Schopenhauer, principalmente, que o cronista forma uma concepção de mundo e de homem. O seu pessimismo, a sua indiferença e a descrença identificam uma postura de desconfiança em relação aos homens e suas conquistas. A sensibilidade trágica machadiana acusa o homem por seus vícios, ambições, perversidades que os adornam de defeitos morais tanto na vida privada como social.

Assim se vai fazendo a história, com aparência igual ou vária, mediante a ação de leis, que nós pensamos emendar, quando temos a fortuna de vê-las. Muita vez não as vemos, e então imitamos Penélope e o seu tecido, desfazendo de noite o que fazemos de dia, enquanto outro tecelão maior, mais alto ou mais fundo e totalmente invisível compõe os fios de outra maneira, e com tal força que não podemos desfazer nada. Sucede que, passados os tempos, o tecido esfarrapa-se e nós, que trabalhávamos em rompê-lo, cuidamos que a obra é nossa. Na verdade, a obra é nossa, mas é porque somos os dedos do tecelão; o desenho e o pensamento são dele, e presumindo empurrar a carroça, o animal é que a tira do atoleiro, um animal que somos nós mesmos... (21 de fevereiro de 1897).

No entanto, “a consciência é o mais cru dos chicotes” (02 de dezembro de 1894). E se os vivos agem por ambições individuais e razões enganosas, Machado de Assis dissecava-os apontando as suas incoerências, inconseqüências e inconstâncias de sentimentos e de práticas. Por isso: “Vivam os mortos! Os mortos não nos levam os relógios. Ao contrário, deixam os relógios, e são os vivos que os levam, se não há cuidado com eles. Morram os vivos!” (06 de janeiro de 1895). A perda das ilusões, das esperanças, reforça a idéia já apontada por inúmeros críticos machadianos da maldade da vida. Esta postura sarcástica em relação ao homem e seus descaminhos pode ser interpretada como resultado do contexto da formação social do escritor. A origem humilde, a doença da epilepsia que o acompanhou ao longo da vida, a cor mestiça e a idéia de ascensão social passam a ser fatores determinantes, essencialmente autobiográficos, que representam boa parte da população brasileira do período e seu conflito com a vida e com o meio contraditório a sua condição. Daí o pessimismo, daí o desencanto com o homem, daí a perda das ilusões, daí a sua consciência na miséria humana. Eis o ambiente social e moral da formação de uma subjetividade trágica em Machado.

As crônicas, portanto, mais do que comentários e críticas a respeito dos fatos noticiados pelos jornais, revelam muito da subjetividade machadiana que pode ser percebida no uso de ditados, máximas, sentenças morais ou aforismos. Este estilo de discurso ligado à percepção sensível do mundo contribui, de um lado, na compreensão das estratégias lingüísticas adotadas pelo autor e, de outro lado, na percepção crítica de seu contexto de inserção social.

Em grande medida, os aforismos machadianos presentes na crônica instauram uma inteligibilidade que sintetizam um ponto de contato entre o literário e o filosófico. Revelam discursos ligados à percepção trágica do mundo em seus paradoxos, em seus antagonismos e na teatralidade dos indivíduos no meio social. Qual seria a saída ou o consolo de espírito para este mundo contraditório? Sentença Machado:

Comecemos por pacificar-nos. Paz na terra aos homens de *boa vontade* – é a prece cristã; mas nem sempre o céu a escuta, e, apesar da boa vontade, a paz não alcança os homens e as paixões os dilaceram. Para este efeito, a arte vale mais que o céu (26 de março de 1893).

Num mundo feito de contradições a arte vem em socorro ao homem. As guerras, os conflitos, os interesses contraditórios, as questões insolúveis atingem a humanidade em seus interesses mais imediatos, dilacerando-a. Machado, consciente das paixões que afligiam os homens de seu tempo, fez de seu projeto criador

uma saída para alcançar a paz interior. Assim, se a vida é dor, se os homens são movidos por interesses particulares, mesquinhos e muitas vezes cruéis, Machado busca uma saída pela arte. A arte acalma o espírito, e a toda frustração, desencanto, descrença, Machado eleva a arte como redentora do espírito humano. “A república da arte é anterior às nossas constituições e superior às nossas competências” (20 de setembro de 1896).

A imaginação vale mais do que a realidade. Se o mundo é contraditório e plural por natureza, resta ao artista alimentar-se de poesia como forma de acalmar o espírito e ponderar sobre o destino das coisas. “Contrastes da vida, que são as obras de imaginação ao pé de vós!” (23 de agosto de 1896). A imaginação, a ficção e a arte se tornam instrumentos imprescindíveis para o exercício subjetivo de questionamento da realidade na qual Machado de Assis aparece submetido. A um mundo afeito a sua condição de mulato epilético, o cronista rejeita uma realidade que o condena, aprisiona, desmoraliza e induz ao preconceito. Talvez por isso, pelo desapego e descrença às opiniões já consolidadas á respeito dos homens e de sua vida em sociedade, Machado de Assis opte pelo caminho solitário, introspectivo e fictício da arte como redentora do mal maior produzido pelo próprio homem. Assim: “Diria que as grandes solenidades artísticas devem ser estremes de quaisquer outras preocupações humanas. A arte é uma religião. O gênio é o sumo sacerdote” (02 de outubro de 1892). Ou: “Respiremos, amigos; a poesia é um ar eternamente respirável” (23 de abril de 1893). A arte pode glorificar, pode dar uma vida extra, pode promover o respeito e o prestígio que a vida prática, cotidiana e banal não consegue contemplar.

Resta lembrar que a vida dos livros é varia como a dos homens. Uns morrem de vinte, outros de cinquenta, outros de cem anos, ou de noventa e nove. Muitos há que, passado o século, caem nas bibliotecas, onde a curiosidade os vai ver, e donde podem sair em parte para a história, em parte para os florilégios. Ora, esse prolongamento da vida, curto ou longo, é um pequeno retalho de glória. A imortalidade é que é de poucos (16 de agosto de 1896).

As máximas ou os aforismos machadianos na crônica evidenciam uma ação clara: criar uma instabilidade dos sujeitos, dos objetos e dos fatos. A relação que Machado de Assis estabelece entre a confissão e os enunciados sentenciosos caracterizam a narrativa subjetiva que compõe o conjunto de aforismos presentes nas crônicas. Instaurando o paradoxo e tendo como eixo discursos ligados à percepção do mundo, o cronista revela muito de sua sensibilidade enquanto sujeito consciente das contradições de seu espaço e de seu tempo. O sentido trágico im-

presso pelo cronista evidencia o desencanto, a descrença, o ceticismo como forma de encarar e questionar um mundo de questões insolúveis, irreversíveis. Acredita-se que esta forma discursiva é capaz de iluminar uma história exterior, universal, abrindo espaço para as pluralidades e diferenças, colocando, assim, em cheque as verdades e as crenças já estabelecidas. Assim, além de evidenciar uma sensibilidade trágica para com os descaminhos da constituição liberal republicana brasileira, Machado de Assis também torna a comunicação com o leitor numa prática ativa, crítica, ao invés de considerá-lo mero receptor de informação, talvez por isso sentencie que: “o homem é em si mesmo um laboratório” (05 de julho de 1896).

REFERÊNCIAS

- SCHNEIDER, Claércio Ivan. “Machado de Assis contador de histórias: literatura, história e tragédia na composição da crônica”. In: *Temas & Matizes*. Ano III, n. 6. Cascavel: Edunioeste, 2001. pp.71-78.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- . *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- Assis, Machado de. “Bons Dias”. In: *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 (3 Vol.). pp. 484-530.
- . “A Semana”. In: *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 (3 Vol.). pp. 531-775.